

IDENTIDADES E TRAUMAS COLONIAIS EM *AMADA* DE TONI MORRISON

Mônica de Lourdes Neves Santana¹
Ana Thais Barreto Apoliano²

RESUMO

Baseado em uma história real, *Amada* (1873) de Toni Morrison acontece em uma época em que os Estados Unidos começavam a enfrentar as consequências da escravidão recém-abolida. A autora apresenta dois momentos decisivos da história americana: o período escravista e o regime de segregação racial. Este trabalho objetiva analisar o poder do colonizador branco soberano e como ele impacta na identidade das personagens negras escravas. Conclui-se que a literatura pós-colonial de Morrison contribui como meio de levar representatividade ao sujeito colonizado dando voz às denúncias de traumas no período colonial e (re)encontra a identidade individual ou coletiva.

Palavras-chave: Personagens negras, Memória, Trauma, Pós-colonialismo.

Introdução

Descrever o passado da história opressiva da escravidão e entender seus efeitos e traumas nos indivíduos envolvidos tem sido uma das características definidoras dos romances de Toni Morrison. Com um total de nove romances publicados a autora tornou-se conhecida por denunciar em suas obras a dificuldade em ser negro nos Estados Unidos expondo as injustiças acerca dos problemas de segregação racial.

A ficção-histórica de Morrison estabelece preocupações quando aborda questões polêmicas envolvendo vítimas da escravidão durante o ano de 1855 e livres em 1873. Marcadas pela alienação racial, traumas na infância e na vida adulta, problemas comunitários, violências, exploração de gênero e a situação social dos afro-americanos após a sonhada conquista da liberdade.

A obra *Amada* (1987) que lhe rendeu o prêmio Pulitzer em 1988 e o Nobel em 1993, confronta em detalhes os terríveis legados da escravidão além de abordar questões de classe, desapropriação, patriarcado, principalmente memória e traumas através da história de uma dinastia afro-americana.

¹Doutora em Linguística Cognitiva. Pós doutoranda em Ciências Políticas pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora doutora Associada do Curso de Relações Internacionais, CCBSA, UEPB Campus V, João Pessoa, PB. E-mail: m@detroz.com

²Graduanda em Relações Internacionais, CCBSA, da Universidade Estadual da Paraíba, UEPB, Campus V, João Pessoa, PB. E-mail: anathaisbarreto@gmail.com

De fato, a literatura negra norte-americana ainda hoje não tem reconhecimento e audiência merecida apesar de seu papel fundamental para o entendimento e conhecimento da história do povo negro. Desta forma, seu trabalho oferece uma visão complexa do afro-americano que merece nossa análise (GILROY, 1993, p. 178).

Em nossa leitura crítica busca-se esclarecer a seguinte questão: como as personagens femininas de *Amada* lidam com a memória e os traumas da época escravista imposta pelo poder colonial? Levanta-se como hipótese o fato de que a autora usa o fluxo de consciência, a fragmentação de memórias e da identidade para lidar com o drama das personagens e ainda possibilitar que aqueles silenciados falem por meio da literatura.

A escravidão nos Estados Unidos nos séculos XVIII e XIX

A Escravidão nos Estados Unidos da América chegou ao seu ápice nos séculos XVIII e XIX. Segundo Jurandir Freire Costa (2003) não é possível descrever as imagens da violência racista: “a violência racista pode submeter o sujeito negro a uma situação cuja desumanidade nos desarma e deixa perplexos. Seria difícil encontrar o adjetivo adequado para nomear esta odiosa forma de opressão” (COSTA, 2003, p. 152).

Com a promulgação de sua Constituição e a eleição de George Washington para dois mandatos (1789-1797), os Estados Unidos lançaram um programa para desenvolver a sua base econômica. Assim, a economia passou a crescer de forma acelerada e as elites capitalistas almejavam aumentar seu mercado. A notícia se espalhou e a chegada de imigrantes europeus em busca de melhores condições de vida e terras para trabalhar, também ajudou na expansão (FRANKLIN; MOSS, 1989).

Além disso, a fim de incentivar ainda mais a imigração, o governo americano oferecia terras que pertenciam aos indígenas, a preços baixos, o que provocou conflitos sangrentos contra estes povos. Outra forma utilizada pelos EUA para se expandir foi a anexação de territórios sob domínio de outros países, por meio da compra, da cessão diplomática e da guerra.

Em meados do século XIX, as perspectivas econômicas dos Estados Unidos eram ótimas. Com a expansão e o desenvolvimento populacional, o mercado interno cresceu significativamente. Havia, entretanto, uma significativa discrepância entre o norte e o sul do país. O norte e nordeste eram formados por uma rica burguesia

industrial e por uma classe operária forte e bem-organizada, enquanto o sul e sudeste eram representados por uma elite rural que havia ampliado seu poder e explorava a escravidão (COSTA, 2003).

É neste momento que introduzimos na história os nossos protagonistas: os escravos afro-americanos que tiveram um papel importante na criação das fundações econômicas dos Estados Unidos, especialmente no sul.

Os escravos resistiam à opressão e violência de forma individual, sem esperar auxílio dos governantes: as mães matavam seus filhos recém-nascidos para salvá-los da escravidão, ocorria o envenenamento dos proprietários de escravos, a destruição de máquinas e plantações, incêndios criminosos, além de fugas.

O desafio não está encerrado, o fim da guerra não indicou a porta da liberdade dos escravos e a inclusão imediata na vida social americana. Mesmo com a abolição os americanos possuíam políticas que separavam sua sociedade por etnia.

Du Bois (1935) e Eric Foner (1988) relatam que a vida nos anos após a escravidão também se mostrou difícil. O aparente ambiente de paz não encerrou os problemas sociais e os negros foram perseguidos em vários estados do sul. As brutalidades do preconceito da raça branca persistiram. Embora legalmente libertos, a maioria dos Afro-americanos viviam em pobreza rural. Tendo sido negada a educação, os ex-escravos deslocavam-se frequentemente em busca de trabalho.

Uma leitura de *Amada*

Nesse contexto, o romance *Amada*, baseado em fatos verídicos se passa após a escravidão e Guerra Civil Americana em 1873 nos Estados Unidos. Inspirado na história de uma escrava afro-americana, Margaret Garner, mulher traumatizada que escapou temporariamente da escravidão durante o ano de 1856 em Kentucky, fugindo de uma fazenda chamada Doce Lar para Ohio, um estado americano considerado livre.

O livro se inicia com Sethe, com trinta e poucos anos, vivendo com sua filha de 18 anos, Denver, em uma casa que os vizinhos evitam por ser assombrada. Sethe e Denver vivem em uma trégua com um fantasma da casa (que se autodenomina *Amada*) até a chegada de Paul D, um dos companheiros escravos de Sethe em sua antiga plantação de Kentucky.

Sethe, Denver, Paul D e todos os outros personagens do romance vivem simultaneamente em seu presente e passado. Os capítulos do romance se alternam entre as duas histórias: a da crescente disputa entre Sethe e Amada.

Sethe é a protagonista da obra *Amada*, uma mulher orgulhosa e independente, que é extremamente dedicada aos seus filhos. Embora ela mal conhecesse sua própria mãe, os instintos maternos são sua característica mais marcante. Não querendo abandonar os filhos devido ao trauma físico, emocional, sexual e espiritual que ela sofreu como escrava da fazenda, tenta assassiná-los em um ato desesperado de amor e proteção materna. Com receio de que sua criança sofresse os abusos a que ela tinha sido submetida, Sethe consegue cortar a garganta da filha de dois anos. Mas ela continua assombrada por eventos assustadores de seu passado que ela tenta, em vão reprimir.

A personagem central da obra é um fantasma: o fantasma da filha assassinada pela ex-escrava Sethe, que não hesitou em matá-la, para evitar que ela fosse capturada e vivesse sob o regime de escravidão do qual Sethe conseguira fugir levando seus filhos consigo (KANGANGUSSU, 2018, p. 286).

A esse respeito, vemos a vingança descrita no infanticídio de um ser indefeso ainda sem nome e a vingança incompleta de um bebe degolado que assombrava a casa 124.

Toni Morrison diz que “para Sethe o futuro era uma questão de manter o passado a distância” (MORRISON, 2007. p. 69). No entanto, seu passado faz-se presente a todo o momento no livro: na presença do fantasma da filha que parece satisfazer-se com a situação de exclusão e solidão em que vivem a mãe e irmã, na violência física, sexual e trauma emocional.

Ainda que tivesse sofrido os abusos durante o período da escravidão e fosse atormentada pela culpa de ter assassinado sua filha, tentado matar os outros dois filhos, de certa maneira, Sethe se sentia aliviada de ter impedido que Amada traçasse o mesmo destino que lhe tinha sido reservado.

O fantasma de Amada entra na casa das sobreviventes e participa da vida da família, insistindo em se fazer presente. Em um primeiro momento, a aparição é feita apenas através de sinais. Sethe pouco se incomoda em morar na casa assombrada pois era um “fantasma insaciável, que queria muito amor” (MORRISON, 2004, p. 245). Na

verdade, ele traz para Sethe a lembrança da culpa e dos horrores sofridos na época da escravidão e o sentimento de abandono na sociedade. A sua dor é tão intensa que se manifesta fisicamente, e ganha forma na jovem Amada, que chega para atormentar de maneira avassaladora. O fantasma de Amada assombrava em todos os âmbitos de sua vida, silenciando seus pensamentos e impedindo-a de ter uma vida livre (MORRISON, 2007).

Chama-se Denver a filha mais nova de Sethe, e embora inteligente, introspectiva e sensível, foi atrofiada em seu crescimento emocional por anos de relativo isolamento. Sua incursão na cidade e suas tentativas de encontrar trabalho permanente e possivelmente cursar a faculdade marcam o início de sua luta pela independência e autodomínio.

Identidade em *Amada*

Entre os séculos XVIII e XIX, período que abrange o desenrolar da narrativa, havia a busca pela construção da identidade nacional que se centrasse no sujeito branco. Desta forma, a história Norte-americana foi contada pela supremacia branca que respondia aos seus princípios e interesses, tolhendo as versões das minorias oprimidas.

O fato é que a questão da identidade envolve múltiplos níveis de análise. No âmbito geral, dois níveis são mencionados nos estudos sobre essa temática: o pessoal e o social (ANTAKI; WIDDICOMBE, 1998). A identidade pessoal está ligada a uma construção individual do conceito de si, enquanto a identidade social trata do conceito de si a partir da vinculação da pessoa a grupos sociais.

De acordo com Dubar (1996), a identidade pessoal está em construção, definido pela intermediação constante das identidades assumidas e das identidades visadas. Dessa forma, existe em cada indivíduo um senso de individualidade. Nesse sentido, acreditamos que a identidade é uma luta entre o consciente e inconsciente, de modo que os processos inconscientes ressoam no consciente, produzindo significados. Acatamos Chodorow (1989) ao afirmar que a falta dessa identidade seria uma concha vazia de uma vida estéril.

Quando se começa a investigar o papel da identidade na obra, parece que Morrison justifica a destruição da identidade devido à escravidão e nos demonstra como a alma pode se transformar. Quando Sethe decide fugir da plantação com os outros

escravos ela sofre, já grávida, um ataque do professor do sobrinho. Ele toma do leite de seu seio que seria para seu futuro filho. Este ato teve impacto em sua identidade uma vez que a maternidade era uma das únicas coisas em que acreditava ser boa.

Homi K. Bhabha (1998) relata em *O local da cultura* a necessidade de pensarmos a identidade em termos dos processos produzidos na articulação das diferenças culturais; e essa articulação é entendida pelo autor como um entre lugar que fornece “terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade” (BHABHA, 1998, p. 20).

Conforme o conceito de Bhabha (1998), observamos em *Amada* o sentimento que Morrison deseja trazer na figura das protagonistas sobre o que era ser sua identidade revelado ao leitor no sentido de refletirmos a subjetividade. “Sinta com é se sentir uma mulher preta vagando pelas estradas como qualquer uma de meu Deus” (MORRISON, 2007, p. 101).

Candau (1998) afirma que a memória exerce papel fundamental na construção da identidade, pois seria através dos mundos ordenados e nominados na memória, segundo a lógica do indivíduo que consiste em reunir o que se parece, e separar o que difere, o indivíduo vai construir sua própria identidade. Neste trilha de pensamento vemos que Sethe apresenta dificuldades em estabelecer sua identidade ou manter qualquer tipo de relação devido aos abusos sofridos no percorrer da vida. A separação física de seus filhos e a falta da proteção de uma figura paterna faz pensar que as escravas africanas não teriam chances de formar uma identidade maternal. Porém, é na relação e na ajuda de Paul D, que ela consegue reconfigurar-se e curar-se emocionalmente da discriminação.

Já a ideia de identidade social é definida por Tajfel *apud* Whetten e Godfrey (1998) como o fruto da interação dos mecanismos psicológicos e dos fatores sociais e está em contínua evolução, acontecendo por processos de semelhança e oposição, pertencimento ou exclusão.

Para Zavalloni *apud* Chauchat e Durand-Delvigne (1999), a identidade social é constituída não somente pela representação que o indivíduo faz dele mesmo no seu ambiente social, referindo-se a diferentes grupos aos quais ele pertence, mas também aos grupos de oposição, aos quais ele não pertence. Em resumo, a identidade social é, portanto, uma justaposição na consciência individual, uma totalidade dinâmica, onde os

diferentes elementos interagem na complementaridade ou no conflito, pois o indivíduo tende a defender sua existência e sua visibilidade social, mas valoriza e busca sua própria coerência (LIPIANSKI *apud* RUANO- BORBALAN, 1998, p.144).

É nesse contexto que Toni Morrison detém-se em uma visão profunda da psicologia das mulheres negras e como elas entendem sua identidade dentro da sociedade no romance. Por meio de suas personagens, a autora retrata a escravidão e o racismo. “Sinta como é se sentir uma mulher preta vagando pelas estradas como qualquer uma de meu Deus” (MORRISON, 2007, p. 101).

Relacionando as definições de identidade com a obra *Amada*, pode-se usar do conceito do *palco de espelhos*, proposto pelo psicanalista francês Jacques Lacan (1938) que descreve a crise existencial que os escravos enfrentaram. De acordo com este conceito os escravos são considerados meros reflexos do outro, desconhecendo sua própria identidade. É o que acontece com a falta de identidade dos escravos cujos nomes são os mesmos, alterando apenas pela presença de uma letra: Paul D, Paul F e Paul. Uma suposição é que provavelmente o nome do mestre deles seria Paul. Baby Suggs, apesar de seu nome verdadeiro ser Jenny, também se acostuma a ser chamada assim, uma vez que ela, conforme observado pelo Sr. Garner: “Ticket de vendas, não tem nome para um negro libertado” (MORRISON, 2004, p.167).

Os escravos então desconhecem a própria identidade, a própria existência, o que por vez, dificulta a reafirmação de direitos em uma estrutura de poder em que não detém superioridade e hegemonia.

Já Baby Suggs, sogra de Sethe, torna-se uma fonte de inspiração emocional e espiritual para os moradores negros da cidade: uma mulher inteligente. Após o infanticídio de Sethe, Baby Suggs para de pregar e se retira para um leito doente para morrer. Porém, suas memórias e conversas continuam nas lembranças da comunidade. Concordamos com a posição de Teresa de Lauretis ao dizer que “identidade social é um processo em que uma representação social é aceita e absorvida por um indivíduo como sua própria representação” (LAURETIS, 1987, p. 13). Para desenvolver um eu social, uma pessoa precisa desenvolver sua relação com os outros e este é um dilema dos escravos de todas as idades. Por exemplo, cita-se o nome de Denver: “era muito difícil para Denver dizer quem era quem” (MORRISON, 2004, p.286).

Ademais, *Amada* explora a discussão contemporânea sobre a identificação do eu dentro de uma comunidade. Segundo Fowler, “a noção dessa identificação com outros promove uma identidade separada e paradoxal” (FOWLER, 2011, p. 13,14). Na conclusão do romance, “Sethe e Amada tornaram-se trancadas em um amor que desgasta todo mundo” (MORRISON, 2004, p. 286), o que torna difícil para um indivíduo manter toda a sua identidade individual.

Ainda no âmbito da questão de identidade, faz-se necessário analisar o papel do colonizador e sua relação com o colonizado. Para Linda Hutcheon (1997), a ideia de que a identidade do colonizado jamais pode ser pensada sem se levar em conta a *contaminação* sofrida pelo processo de colonização. Portanto, em *Amada*, de certa forma, o colonizador branco europeu estará sempre presente nos entendimentos identitários dos escravos, deixando memórias dos traumas vividos que sustentam a narrativa e as identidades das personagens.

Bhabha (1998, p. 76) diz que “o próprio lugar da identificação, retido na tensão da demanda e do desejo, é um espaço de cisão”, considerando que “não é o Eu colonialista nem o Outro colonizado, mas a perturbadora distância entre os dois que constitui a figura da alteridade colonial – o artifício do homem branco inscrito no corpo do homem negro”. Dessa forma, não se pode pensar nas identidades do colonizador e do colonizado de maneira isolada, mas considerando que ambas influenciaram de forma positiva ou negativa a imagem que se cria do outro.

Segundo Hall, as identidades são construídas dentro dos discursos de cada povo e “emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais produto da marcação da diferença da exclusão do que do signo de uma unidade idêntica” (HALL, 2005. p. 109).

Em *Cultura e Imperialismo*, Edward Said (2011) registra que existe um binarismo social denominado nós x eles. Nesse binarismo, o *nós* é a marca de uma identidade nacionalista e de um pertencimento que combate tudo que faz referência ao Outro, divulgando a ideia que eles são uma raça submissa e inferior, e que precisa ser colonizada. Assim como acontece na vida dos personagens escravos da obra que são dominados pelo homem branco na suposta missão civilizatória. Como demonstração de boa vontade e superioridade, estariam dispostos e teriam condições de assim fazer. Para Said (2011), é “o poder europeu (e somente ele) que introduz o não europeu no universo

das representações para melhor vê-lo, dominá-lo e, sobretudo controlá-lo” (SAID, 2011, p. 168).

Mignolo diz que “ser civilizado é ser moderno e ser moderno significa estar no presente” (MIGNOLO, 2003, p. 385). O outro colonizado não é visto como contemporâneo do colonizador. Ele sempre estaria relacionado ao passado: fato que justifica a subjugação de sua língua, cultura e identidade, consideradas ultrapassadas e, conseqüentemente, sem valor para esse ideal do colonizador que busca a modernidade e o desenvolvimento.

Para Catherine Hall (1996), a descolonização dos sujeitos teria que acontecer através da busca de uma nova identidade, superando os traumas da colonização e deixando de lado a objetificação feita pelo império e, posteriormente, aceita pelo próprio colonizado.

Além da questão de identidade e do binarismo colonizador x colonizado, abre-se espaço para a discussão de trauma-memória, em que segundo Seligmann-Silva (2006) *a cicatriz do tempo abre-se e traz à tona além da representação da identidade, as memórias que a formaram, assim como acontece com Sethe em seus desabaços*.

O uso da memória na ficção contemporânea escrita por mulheres afro-americanas encarna a preocupação com o resgate de elementos de uma experiência afro-americana especificamente feminina. Esse resgate, porém, não é um retorno ocioso ao passado, nem tão pouco constitui sentimentalismo folclórico; antes, sua função prospectiva conecta o passado à construção presente de um futuro (GIRAUDO, 1997, p.51).

Essa breve citação nos remete à *Amada*, um livro resultante da re-memória da escravidão na literatura Norte- americana do século XX. As lembranças traumáticas da escravidão são relatadas por Toni Morrison nas experiências de vida sofridas pelas personagens.

Marcas traumáticas

As definições formais da palavra trauma são muitas, mas uma que poderia se relacionar de forma coerente com o romance é a estabelecida segundo o psicanalista Sigmund Freud *apud* Luckhurst (2006):

Um trauma psíquico é algo que entra na psique que é tão sem precedentes ou avassalador que não pode ser processado ou assimilado pelos processos mentais usuais. O evento não pode ser processado para que ele saia da memória consciente, mas ainda esteja presente na mente da pessoa traumatizada. Assim, existe como um fantasma ou intruso (LUCKHURST, 2006, p. 499).

No romance a questão do trauma é simbolizada de forma mais significativa com o uso das cores, com destaque para o vermelho que representa um símbolo e metáfora a sentimentos e situações.

De acordo com Bast (2001), a cor vermelha pode ser entendida como um texto próprio, dividida em três etapas para o processamento dos traumas pelas personagens. A primeira etapa é caracterizada pelo choque, falta de voz e passividade; a segunda pela cura das feridas pela repressão dos traumas; e a terceira pelo processo de cura dos traumas, o qual só poderá ser atingido pela próxima geração.

No livro *Trauma: explorações na memória*, Cathy Caruth (1995) mostra como se pode relacionar trauma à memória. Podemos dizer que a característica mais significativa de uma lembrança traumática é o fato de não ser uma simples memória (CARUTH, 1995, p.151). Caruth ainda apresenta o *flashback*, artifício bastante usado em *Amada*, como maneira pela qual uma pessoa traumatizada acessa a memória consciente: “um flashback não é apenas uma experiência ou memória avassaladora, mas um evento criado por sua falta de integração nas consciências!” (CARUTH, 1995, p.152).

Ela explica ainda como se dá o confronto com a experiência traumática:

A pessoa traumatizada precisa retornar várias vezes à memória para integrá-la aos esquemas mentais existentes e transformá-la em linguagem narrativa. Se a integração e a transformação forem bem-sucedidas, a pessoa não sofre mais com o trauma e é capaz de olhar para o que aconteceu. No entanto, também é possível que pessoas traumatizadas passem longos períodos de tempo em dois mundos diferentes. Elas vivem no mundo de seus traumas e no mesmo momento no mundo de sua vida atual, porque não podem separar esses mundos (CARUTH, 1995, p. 176).

A questão da memória reprimida também se faz presente no romance: “eles (Sethe, Paul D e Baby Suggs) tentam negar suas memórias para se proteger. Nesse sentido, as memórias podem ser vistas como uma maldição” (HEINERT, 2009, p. 90).

A todo momento Morrison traz à tona a questão de como as memórias influenciam o presente dos personagens:

Quando Paul D chega à rua Bluestone 124, Denver conta a ele sobre o “solitário e repreendido fantasma [...] É o retorno de Paul D como um dos homens da Sweet Home - lugar que Sethe viveu como escrava e onde ocorreu o infanticídio- que desencadeia a lembrança de suas memórias” (MORRISON, 2007, p. 22).

As questões relacionadas a trauma e memórias permeiam todo o livro e desempenham papel fundamental na mudança de uma visão colonizadora como papel central dentro da História: “com seu romance, Morrison tenta tornar a escravidão acessível aos leitores para os quais a escravidão é um fato histórico que deveria ser ignorado ou esquecido” (PLASA, 1998, p. 50).

Ao final do romance, Sethe e a comunidade decidem enfrentar as dolorosas memórias sofridas pela escravidão e o fantasma de Amada desaparece simultaneamente àqueles que conseguem lidar com o passado traumático. Embora as personagens decidam encerrar tais questões, o narrador em terceira pessoa conclui o livro dizendo que o passado deve ser visto como a circunstância condicionadora do presente.

Amada desenvolve-se em meio a uma atmosfera histórico-social, em que memórias surgem para compor o enredo, evidenciando a importância em reconhecer o passado como condicionador de escolhas futuras e, conseqüentemente, como modelador de identidade:

Mesmo que a fazenda inteira, cada árvore, cada haste de grama dela morra. A imagem ainda está lá, e mais, se você for lá- você que nunca esteve lá-, se você for lá e ficar no lugar onde era, vai acontecer tudo de novo; vai estar ali para você, esperando você (MORRISON, 2007, p. 60).

O fator histórico da escravidão havia provocado não só a morte de Amada, mas a lembrança que sempre volta à discussão.

O discurso Pós-colonial em *Amada*

No meio literário colonial norte-americano as mulheres eram silenciadas e controladas pela hegemonia patriarcal. A personagem negra era representada como objeto de procriação ou satisfação sexual ou uma simples oposição ao ideal branco. Daí

então o perigo de termos apenas uma única versão dos fatos, a versão dos detentores do capital em que o negro seria considerado inferior.

A esse respeito Chimamanda Ngozi Adichie (2009) destaca o perigo da história única.

[é] impossível falar sobre uma única história sem falar sobre poder. Há uma palavra, uma palavra da tribo Igbo, que eu lembro sempre que penso sobre as estruturas de poder do mundo, e a palavra é nkali. É um substantivo que livremente se traduz: ‘ser maior do que o outro’. Como nossos mundos econômicos e políticos, histórias também são definidas pelo princípio do nkali. Como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder (ADICHIE, 2009, p. 3).

Esse fragmento nos faz refletir sobre a influência e o poder escravocrata exercido pelos colonizadores brancos. O poder racista internalizado na construção da identidade afro-americana. O que se tem certeza é que nenhuma sociedade que vivenciou essa página de traumas e violências escreveu sobre o assunto de forma detalhada e ampla.

De fato, a literatura foi um veículo para difundir o poder e silenciar as vozes negras na relação colonizador e colonizado. Deste modo acatamos que a abordagem pós-colonial vem na contramão para estabelecer uma série de estudos epistemológicos e paradigmas de análise sociocultural os quais favorecem os grupos oprimidos, visando assim romper os estereótipos fixados pelo imaginário americano.

Para discorrermos a respeito do pós-colonialismo na obra achamos necessário conceituar pontos importantes. Começamos com Patricia Hill Collins (2004) em *Pensamento feminista Negro* que argumenta que as mulheres afrodescendentes são sempre destras em conjunto na sociedade patriarcal branca, de forma que os grupos dominantes sempre as apresentam sob luz prejudicial. As principais questões psicológicas são exploradas nas personagens femininas Sethe, Amada, Denver e Baby Suggs.

Aos olhos de Bill Ashcroft *et al.* (2004), em *The Empire Writes Back* o termo pós-colonial designa toda cultura afetada pelo processo imperial desde o momento da colonização até os dias atuais.

Já Hall (1997), afirma que “o termo se refere ao processo de descolonização que, tal como a própria colonização, marcou com igual intensidade as sociedades

colonizadoras e as colonizadas”. O termo seria um processo de descolonização (HALL, 1997. p. 101).

Para Loomba (1988), o discurso pós-colonial estabelece ainda uma nova possibilidade de pensar, que permite que os processos culturais, intelectuais, econômicos e políticos sejam parte integrante da formação, perpetuação e desmantelamento do colonialismo.

Neste sentido, o principal objeto de investigação dos estudos pós-coloniais é a literatura escrita durante e após a ocupação colonial, e como a sociedade é representada nela. Alguns autores como Edward Said, Gayatri Spivak, Homi Bhabha, Frantz Fanon, Albert Memmi entre outros elaboraram reflexões. Seja na condição de defensores das metrópoles colonizadas e suas representações, seja na condição de defensores dos colonizados e de suas expressões culturais, esses autores analisaram os efeitos políticos, sociais e principalmente os efeitos identitários que os países colonizados sofreram frente ao processo de colonização e descolonização. Através da literatura eles problematizaram, ainda que por vezes de forma ficcional, os aspectos culturais herdados da cultura colonizadora e como essa cultura impactou a construção de novos valores para o ser colonizado.

Para Thomas Bonnici (2000) o desenvolvimento da literatura pós-colonial se dá de forma gradual. De início, as obras literárias eram produzidas por viajantes a serviço do colonizador, já em um segundo momento, observa-se obras produzidas por nativos que haviam sido educados na metrópole, mas ainda assim influenciados pela cultura colonizadora. Por fim, ocorreu a fase da tomada de consciência nacional, de ruptura com os padrões estabelecidos pelo colonizador, entendendo, principalmente, que existe um binarismo europeu construtor de ideologias que excluem o ser colonizado. Nessa ideologia excludente, tipicamente ocidental, os termos bom, verdade, masculinidade e branco formam o centro privilegiado e vai de encontro aos termos mau, falsidade, feminilidade e preto que formam a periferia, os excluídos.

Em *Cultura e Imperialismo* (2011), Said afirma que a luta no mundo colonial é complexa, e envolve muito mais do que armas e exércitos, envolve também “ideias, formas, imagens e representações” (SAID, 2011, p. 38). Ainda nessa obra, Said propõe a desconstrução da interpretação que o Ocidente faz do Oriente, visto que o europeu/Ocidente representa a civilização e o não europeu representa o não civilizado.

Em *O local da cultura* (1998), o teórico e crítico literário indiano, Homi Bhabha problematiza sobre a construção e a desconstrução da identidade do Outro através dos Estudos Pós-coloniais. Ele argumenta sobre o modo como o ser colonizado é caracterizado de forma depreciativa pelo colonizador europeu.

Em 1960, o tunisiano Albert Memmi publica sua obra intitulada *Retrato do Colonizado Precedido do Retrato do Colonizador*, por meio da qual apresenta como o colonizador retrata o sujeito colonizado como um preguiçoso e débil que necessita de proteção daqueles considerados aptos para exercerem o poder. O colonizado é retratado ao mesmo tempo como mau, preguiçoso e não é reservado a este o direito a algum adjetivo que o qualifique como ao menos parcialmente bom, sendo negado a ele o direito de ser e possuir algum traço positivo em sua personalidade. Nessa perspectiva o colonizado é quase um não humano e tende a tornar-se rapidamente um objeto: “No limite, ambição suprema do colonizador, ele deveria passar a existir apenas em função das necessidades do colonizador, isto é transformar-se em colonizado puro” (MEMMI, 2007, p. 124).

O psiquiatra, escritor e ensaísta martinicano Frantz Fanon, em sua obra *Pele Negra Máscaras Brancas* relata sobre as diversas categorias do ser colonial, dentre elas temos o retrato da mulher negra e a mulata. Enquanto a negra tem como único objetivo diante do europeu embranquecer, a mulata não quer somente embranquecer, quer evitar a regressão.

Pois esta já não é tão negra, sendo assim não se relaciona com homens negros, estão sempre em busca de homens brancos quando vão procriar, uma vez que se tiverem filhos com homens brancos estariam evoluindo no sentido de se aproximar mais do ideal- tipo – o branco e por outro lado se tiverem filhos com negros estarão regredindo (FANON, 1983, p. 47).

Outra grande contribuição para a análise de como o Outro é entendido na perspectiva pós-colonial é a indiana Gayatri Chakravorty Spivak - uma teórica e crítica literária indiana, que, em 1985 publica o artigo *Pode o subalterno falar?* no qual lança a discussão sobre os intelectuais que falam ou representam o ser colonizado, o subalterno.

Segundo a autora, nessa representação o ser colonizado é visto como um corpo homogêneo e não possui voz ativa, ou seja, não fala por si mesmo, mas sim através dos intelectuais que constroem a sua identidade. O fato de a Europa por meio de seus

intelectuais caracterizar o sujeito colonizado como o *Outro* como aquele que está às margens do europeu já constitui uma violência clara nesse modelo de representação:

O mais claro exemplo disponível de tal violência epistêmica é o projeto remotamente orquestrado, vasto e heterogêneo de se constituir o sujeito colonial como *Outro*. Esse projeto é também a obliteração assimétrica do rastro desse *Outro* em sua precária subjetividade (SPIVAK, 2010, p. 47).

A autora chama a atenção para uma situação ainda mais preocupante, que é a do sujeito mulher, negra, pobre e colonizada. Assim, essa mulher está envolvida ainda mais que o sujeito subalterno masculino, deve obediência ao colonizador, ao pai ou ao marido, se submetendo também ao sistema patriarcal, sendo assim subalterna do subalterno como assinala autora: “se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2010, p. 67).

Spivak invoca principalmente as mulheres intelectuais, não para que essas representem as demais mulheres, mas para encontrar meios eficazes em que essas sejam ouvidas e se auto representem.

Feito esse levantamento pós colonial, observa-se que as obras de Toni Morrison são baseadas no feminismo pós-colonial, no qual ela habilmente destacou a ideia de gênero, raça, sexo e identidade. Para Morrison, retomar o passado é uma obrigação humana, pois restaura uma voz e uma história àqueles que foram privados da consciência de ambos. O processo de resgatar um passado exige que as vítimas de opressão recuperem suas tradições apagadas e reconheçam sua devastação emocional e feridas físicas.

Assim, a escrita de Morrison pode ser tomada como uma crítica ao historicismo *branco* e seu papel fundamental na subjugação e na marginalização do povo colonial. Sentimos a fragmentação identitária na forma como o negro se via mediante a imposição dos valores eurocentristas.

A personagem Baby Suggs representa o compromisso de Morrison com as mulheres negras: um olhar para si mesma de forma positiva e que passa a reconhecer sua identidade (MORRISON, 2007, p. 194).

Vocês têm de amar, vocês! E não, eles não amam a sua boca. Lá, lá fora, eles vão cuidar de quebrar sua boca e quebrar de novo. O que sai d e sua boca eles não vão me ouvir [...] eles não vão ouvir. [...] O fígado escuro, escuro – amem, amem, e o bater do batente do coração, amem também. Mais que olhos e pés. Mais que pulmões que ainda vão ter de respirar ar livre. Mais que teu útero guardador da vida e suas partes doadoras de vida, me escutem bem, amem seu coração (MORRISON, 2007, p. 136).

Ademais, o fato de Sethe ter sido a única escrava a conseguir chegar ao seu destino planejado e ainda grávida representa a luta e resistência ao sistema. Uma vez que se viu incapaz de lutar contra o poder opressor ela pratica o infanticídio. Visto aqui como um grande símbolo de resistência escravocrata.

Este processo de resistência, de autoconhecimento, pela busca do eu, colocado por Morrison é visto por Said (2011) como um passado de experiências, de autoconsciência que questiona a subordinação. Quanto a isso, Homi Bhabha define muito bem ao dizer que é “um processo pelo qual outros objetificados possam ser transformados em sujeitos de sua história e de sua experiência” (BHABHA, 1998, p. 248).

Já o fantasma de Amada teve seu papel primordial na representação do passado. Sethe queria esquecer os traumas, mas passa a entender que aquelas dores traumáticas da escravidão faziam parte da formação de quem ela é e que por isso não poderia ser esquecido já que faziam parte da sua identidade e de suas memórias enquanto pessoa. Esse discurso representa o pós-colonialismo em sua busca por saber quem somos.

Considerações Finais

Em um primeiro momento buscamos entender os Estados Unidos pós Guerra Civil americana que mantinha um pensamento opressor, branco, autoritário e colonizador utilizado por Toni Morrison como pano de fundo na obra.

Buscamos compreender os traumas e crises identitárias coloniais através da análise das personagens negras escravas, com artifícios que exploram as questões de (re)construção e entendimento de memória e identidade.

Levamos em consideração a literatura pós-colonial que trata de estudar as questões de identidade cultural do subalterno nas sociedades colonizadas e também do dilema de desenvolver uma identidade nacional após o domínio e exploração do

colonizador. Essas lutas de identidade e história estão presentes no romance *Amada* que apresentando um personagem mágico, o fantasma Amada, distorce a concepção tradicional da realidade. Por meio da constante batalha que as personagens femininas apresentam quando lidam ao deparar-se com as memórias e os traumas do passado colonizador, a autora revive a experiência da escravidão e suas consequências, que, na maioria das vezes, insiste em ser esquecida pela literatura norte-americana.

A partir deste estudo procuramos evidenciar que a obra *Amada* é um relevante meio pelo qual os afro-americanos que sobreviveram à escravidão ganham representação, e reivindica o direito de fala dos indivíduos silenciados, para que eles possam expressar suas culturas e realidades.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo da história única In: TED ideas Worth Spreading. (vídeo. Trad. Goreti Araújo. Nova York, 2009. Disponível em : <www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt>. Acesso em: 19 jun. 2019.

ANTAKI, C.; WIDDICOMBE, S. *Identities in talk*. London: Sage Publications, 1998.

ASHCROFT, B., GRIFFITHS, G., TIFFIN, H., eds. *The empire writes back: theory and practice in post-colonial literatures*. London: Routledge, 2004.

BAST, F. *Reading red: The troping of trauma in Toni Morrison's Beloved*. 2011

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BONNICI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2000.

CANDAU, J. *Mémoire et identité*. Paris : Presses Universitaires de France, 1998.

CARUTH, Cathy. *Unclaimed experience: trauma, narrative, and History*. Baltimore : Johns Hopkins UP, 1995.

CHAUCHAT, H. ; DURAND-DELVIGNE, A. *De l'identité du sujet au lien social*. Paris Presses Universitaires de France, 1999.

CHODOROW, N. J. *Feminism and psychoanalytic theory*. London: Yale University Press, 1989.

- COLLINS, P. H. *Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro*. Sociedade e Estado, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan./abr. 2004.
- COSTA, Jurandir Freire. *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal, 2003.
- DE LAURETIS, Teresa. *Technologies of gender, essays on theory, film and fiction*. Bloomington, Indiana: Univ. Press, 1987.
- DUBAR, C. *La socialisation: construction des identités sociales et professionnelles*. 2.ed. Paris: Armand Colin, 1996.
- DU BOIS, W.E.B. *Black Reconstruction: 1860-1880*. New York: Harcourt, Brace and Company, 1935.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad: Adriano Caldas. Rio de Janeiro, Ed: Sindicato nacional dos Editores e Livros, 1983.
- FONER, Eric. *Reconstruction: America's Unfinished Revolution, 1866-1877*. New York: Harper and Row, 1988.
- FOWLER, Doreen. *Nobody could make it alone: Fathers and Boundaries in Toni Morrison's Beloved*. MELUS, 2011.
- FRANKLIN, John Hope; JUNIOR MOSS, Alfred A. *Da escravidão à liberdade; A História do Negro Americano*. Nordica Editora. 1989.
- GILROY, P. *The Black Atlantic: modernity and Double Consciousness*. London and New York: Verso, 1993.
- GIRAUDO, José Eduardo Fernandes. *Poética da memória: uma leitura de Toni Morrison*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1997.
- HALL, Catherine. Histories, empires and the post-colonial moment. In: CHAMBERS, Iain; CURTI, Linda Curti (eds.). *The post-colonial question: common skies, divided horizons*. London: Routledge, 1996.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad: Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro, Ed: DP&A, 2005.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- HEINERT, Jennifer Lee Jordan. *Narrative conventions and race in the novels of Toni Morrison*. New York: Routledge, 2009.
- HOWARD, J. A. Social psychology of identities. *Annual review of Sociology*, n. 26, p. 367-393, 2000.

- HUTCHEON, Linda. Circling the downspout of empire. In: ASHCROFT, Bill et al. (eds.). *The post-colonial studies reader*. London: Routledge, 1997.
- KANGANGUSSU, I. *Medeia escrava*. Sobre Amada de Toni Morrison. Archai, n.º 22, Jan.-Apr. 2018, p. 283-297 DOI: https://doi.org/10.14195/1984-249X_22_11 Acesso em 27 de março de 2020.
- LACAN, Jacques. *Les complexes familiaux dans la formation de l'individu: Essai d'analyse d'une fonction en psychologie*, 1938.
- LOOMBA, Ania. *Colonialism/postcolonialism*. New York: Routledge, 1998.
- LUCKHURST, R. 2006. 'Mixing Memory and Desire: Psychoanalysis, Psychology, and Trauma Theory'. In Waugh. 2006.
- MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador*. Trad: Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Editora: Civilização Brasileira, 2007.
- MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- MORRISON, Toni. *Amada*. Tradução José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia de Letras, 2007.
- MORRISON, Toni. *Beloved*. New York. Vintage Books.2004
- MORRISON, Toni. *Unspeakable Things Unspoken Spoken: The Afro-American Presence in American Literature*. Criticism and the Color Line. Ed. Henry B. Wonham. New Brunswick: Rutgers University Press, 1996.
- PLASA, Carl (ed.). *Icon Critical Guides: Beloved*. Cambridge : Icon Books.1998
- RUANO-BORBALAN, J. *L'Identité : l'individu, le groupe, la société*. Paris: Éditions Sciences Humaines, 1998.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. Trad: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1978.
- SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. Trad: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SOVIK (apud HALL, 2003). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik; Trad. Adelaine La Guardia Resende ... [et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- SPIVAK, Chakravorty. Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Trad: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2010.

TAJFEL, H.; TURNER, J. C. The Social Identity Theory of Intergroup Behavior. In J. T. Jost & J. Sidanius (Eds.), *Key readings in social psychology. Political psychology: Key readings*. Psychology Press.2004.

WHETTEN, D.; GODFREY, P. *Identity in organizations*. London: Sage Publications, 1998.

WILLIAM, L. *Introduction. artist as outsider in the Novels of Toni Morrison and Virginia Woolf*: Westport: Greenwood Press, 2001.

COLONIAL IDENTITIES AND TRAUMAS IN BELOVED BY TONI MORRISON

ABSTRACT

Based on a true story, *Beloved* (1873) by Toni Morrison takes place at a time when the United States was beginning to face the consequences of the newly abolished slavery. Morrison presents the slave period and the racial segregation regime. This work aims to analyze the power of the sovereign white colonizer and how it affects in the identity of black slave characters. It is concluded that Morrison's postcolonial literature contributes as a means of bringing representation to the colonized subject, giving voice to the complaints of traumas in the colonial period and (re)finds an individual or collective identity.

Keywords: Black characters, Memory, Trauma, Post-colonialism.